

# Dr. James S. Spiegel, Ética Cristã , Sessão 13, Sexual Ética

© 2024 Jim Spiegel e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. James S. Spiegel em seu ensinamento sobre ética cristã. Esta é a sessão 13, Ética Sexual.

Certo, então vamos voltar nossa atenção agora para a ética sexual, e aqui há uma série de questões que abordaremos, incluindo estas: quais obrigações temos em relação à nossa conduta sexual, quais valores filosóficos e teológicos devem nos guiar ao pensar sobre sexo, e quando, se alguma vez, as relações homossexuais são moralmente permissíveis.

Agora, vamos começar falando sobre o que é geralmente considerado como a visão permissiva moderna sobre sexualidade e algumas das ideias de Bertrand Russell, um filósofo britânico que viveu no século XX. Ele escreveu um ensaio na década de 1930 onde propôs uma nova ética sexual. É interessante notar que suas visões eram muito radicais em sua época.

Apenas de uma perspectiva histórica, é útil notar como Bertrand Russell, entre outros filósofos de seu tempo, impactou a evolução das visões no Ocidente sobre sexualidade e conduta sexual. Então, uma das coisas que Russell endossa é o sexo pré-marital. Ele diz que é improvável que uma pessoa sem experiência sexual anterior seja capaz de distinguir entre mera atração física e o tipo de simpatia que é necessária para tornar um casamento um sucesso.

Então, ele é a favor do sexo antes do casamento. Ele também era um defensor do divórcio fácil, que era extremamente difícil e, você sabe, difícil de, ou muito mais difícil de conseguir na década de 1930, antes das leis sem culpa e assim por diante. Ele achava que o divórcio deveria ser possível apenas por consentimento mútuo do casal.

Ele considerava a moralidade sexual cristã tradicional como problemática e, na verdade, como resultado de modéstia e ciúme. Ele conclui este ensaio em particular observando que, como ele coloca, seria bom se homens e mulheres pudessem se lembrar nas relações sexuais de praticar as virtudes comuns de tolerância, gentileza, veracidade e justiça. Então, eu acho que ele está oferecendo um tipo de abordagem virtuosa e ética à moralidade sexual ali.

Mas é interessante observar que há algumas virtudes importantes ali que estão faltando em sua lista, pelo menos que os cristãos reconheceriam como muito importantes para nos guiar na área da conduta sexual. Eu diria, em particular, pureza

e fidelidade. Alguém? Parece que essas são virtudes importantes que deveríamos consultar e prezar como importantes ao pensar sobre moralidade sexual.

Certamente, as escrituras colocam uma ênfase enorme na pureza e fidelidade sexual; um dos Dez Mandamentos foca nisso. Outra orientação, que estaria mais de acordo com uma moralidade sexual cristã tradicional, avançada ou defendida por um sujeito chamado Thomas Mapes, é kantiana em sua abordagem. Esse sujeito, Thomas Mapes, aplica certos aspectos da ética kantiana à ética sexual e aplica especificamente a segunda versão do imperativo categórico de Kant, que diz que não devemos tratar as pessoas como meros meios.

Nós nos lembramos disso da ética de Kant. Sempre trate as pessoas como fins e nunca apenas como meios. Então Mapes pergunta, o que isso implica em relação a como tratamos as pessoas sexualmente? O que significa usar alguém sexualmente? Então, ele observa que a chave para entender o que significa usar alguém sexualmente é esse conceito de consentimento informado voluntário.

Quando você usa alguém sexualmente, use-o como um meio para um fim, ou seja, para violar seu consentimento informado voluntário. Ele também observa algumas das maneiras pelas quais isso pode ser minado. Há duas maneiras pelas quais alguém pode ser roubado de seu consentimento informado voluntário, seja por meio de coerção ou engano.

Se uma pessoa é coagida, isso está obliterando sua voluntariedade. Se ela é enganada, isso oblitera sua informante-idade. Então, coerção e engano.

Mapes observa que sexo com uma criança ou um adulto com deficiência mental grave é necessariamente um caso de uso de outra pessoa porque eles não podem dar seu consentimento informado. Seu ponto aqui também parece condenar a NAMBLA, que é a North American Man-Boy Love Association, que é toda sobre eliminar as leis de idade de consentimento. Curiosamente, reveladoramente, a ética de Russell não parece condenar isso necessariamente.

Então, qualquer forma de engano intencional por meio de mentira ou retenção de informações que levariam ao consentimento de uma pessoa para sexo é um caso de usar alguém e é, portanto, imoral. Claro, há muitos casos em que as pessoas mentem, dizem que contam, um homem diz a uma mulher que é solteiro, que não é casado ou que retém a informação que diz que é HIV positivo. Isso aumentaria suas chances de ter um encontro sexual com a pessoa.

Mas isso é um engano intencional, e então viola o consentimento informado. Então, que formas esse engano pode assumir? Além das que acabei de mencionar, podemos pensar em outros exemplos também onde uma pessoa mente, engana, ou

o que quer que seja. Há muitas maneiras diferentes pelas quais uma pessoa pode enganar, e então há diferentes maneiras pelas quais uma pessoa pode coagir.

O exemplo prototípico, é claro, é o estupro forçado, e isso é coerção física. Mas há outras formas que a coerção sexual pode assumir, e o MAPES distingue dois tipos de coerção sexual. A coerção simultânea é usar força direta, mas também há coerção disposicional, onde uma pessoa não usa força direta, mas usa a ameaça de dano para coagir alguém a fazer sexo.

Ao esclarecer o que é esse tipo de coerção disposicional, o MAPES distingue entre uma ameaça e uma oferta. Uma ameaça é uma situação em que a não conformidade trará uma consequência indesejável. Uma oferta é onde a conformidade traz uma consequência desejável, um incentivo, digamos.

Ele dá o exemplo de um professor que, em um caso, poderia fazer a ameaça a uma aluna de que, você sabe, se você não fizer sexo comigo, então sua nota vai sofrer. Isso é uma ameaça. Essa é uma consequência indesejável usada para coagir a aluna.

Ou, e isso é provavelmente mais comum quando se trata desses tipos de contextos, uma oferta pode ser feita. Sabe, você pode tirar um A, sabe, se fizer isso. Isso é um incentivo ao sexo.

Isso ainda é um tipo de coerção disposicional. Pode haver uma ameaça implícita até mesmo na oferta. Então, essas são maneiras diferentes nas quais a coerção, a coerção disposicional, pode ocorrer.

Certo, vamos agora para algumas das ideias de Roger Scruton, que aplica uma ética de virtude aristotélica à sexualidade. E ele defende uma visão cristã tradicional de que o sexo é apropriado apenas em casamento monogâmico. Então, Scruton endossa uma moralidade sexual que seria basicamente uma ética sexual cristã.

Ele observa que o amor erótico é um tipo de virtude que contribui para o bem-estar ou felicidade humana. Você não precisa ter amor erótico em sua vida, mas é algo que a maioria de nós deseja. E certamente pode e melhora a felicidade geral de uma pessoa.

Mas para que uma pessoa experimente o amor virtuoso e erótico, ele precisa ser praticado monogamicamente. E Scruton diz que esse é o caso por algumas razões. Primeiro, como o amor erótico é sobre união, ele é propenso ao ciúme.

Então, uma vida virtuosa de amor deve eliminar isso. Uma coisa que pode contribuir para isso é um voto, um voto solene de compromisso, que, claro, é o que acontece em uma cerimônia de casamento. Ele também observa que a expressão sexual que

não é restringida dentro de um compromisso conjugal contradiz seu papel apropriado como uma expressão de todo o ser.

Então, ele observa que onde há um hábito de paixão sexual sem compromisso, a entrada do compromisso expulsará a paixão. Eu vi um adesivo de para-choque uma vez que dizia: existe sexo depois do casamento? Um pouco paralelo à pergunta: existe vida após a morte? Mas esse adesivo parece estar vindo da perspectiva de alguém que acredita que, de alguma forma, o compromisso conjugal destrói a paixão erótica. E que o melhor tipo de vida sexual é aquela em que você não é restringido pelo compromisso conjugal.

Isso é exatamente o oposto da verdade, de acordo com Scruton, que, de fato, o melhor lugar para o amor erótico e a vida sexual apaixonada é dentro de um contexto conjugal. E é certamente o mais saudável apenas por evitar o ciúme, um problema com o ciúme, Scruton argumentaria, através do voto de compromisso. Mas há muitas outras razões pelas quais o sexo apenas dentro do casamento é o melhor.

Ele observa que os fatos empíricos confirmam isso. Como casais monogâmicos são mais satisfeitos sexualmente, pesquisas mostram que esse é definitivamente o caso. Na verdade, um estudo que vi que foi amplamente divulgado há alguns anos confirmou que mulheres cristãs conservadoras são as mais orgásticas.

E isso é algo que não seria esperado pela nossa cultura popular, e certamente, Hollywood, que celebra o amor livre e o sexo livre fora de qualquer tipo de compromisso conjugal. Além disso, há maiores taxas de divórcio para casais que coabitam antes do casamento. Então, novamente, isso contradiz completamente a ideia de Bertrand Russell de que, bem, você vai melhorar suas chances de um casamento bem-sucedido se vocês viverem juntos antes do casamento.

Não, o oposto é verdade. Na verdade, suas chances são melhores se vocês não viverem juntos antes do casamento. Aqui estão algumas citações interessantes sobre coabitação.

Isto é de dois autores, Waite e Gallagher. É Maggie Gallagher, que escreveu e publicou muitos artigos sobre sexualidade. No casamento, eles dizem que, em média, casais que coabitam são menos fiéis sexualmente, levam vidas menos estáveis, têm menos probabilidade de ter filhos, são mais propensos a serem violentos, ganham menos dinheiro e são menos felizes e menos comprometidos do que casais casados.

E aqui está uma citação de CS Lewis, que diz que a monstruosidade da relação sexual fora do casamento é que aqueles que se entregam a ela estão tentando isolar um tipo de união, a união sexual, de todos os outros tipos de união que foram planejados para acompanhá-la e compor a união total. Então, acho que essas são

algumas observações interessantes e importantes. Então, vamos falar sobre alguns dos fundamentos bíblicos para a monogamia.

É a visão bíblica de que deve ser um homem e uma mulher que se unem e são dados um ao outro em casamento. A metáfora que é usada nas escrituras, e na verdade parece mais do que uma metáfora, é esta frase de uma só carne. Como o escritor de Gênesis diz, o Senhor fez uma mulher, Eva, da costela que ele havia tirado do homem, Adão, e ele a trouxe para o homem.

É por isso que o homem deixa pai e mãe, e se une à sua mulher, e eles se tornam uma só carne. Como Adão coloca, carne da minha carne, osso do meu osso. Essa é a origem dos dois gêneros humanos, aos quais Jesus se refere quando perguntou sobre o divórcio em Mateus 19, dizendo que Deus uniu, que ninguém separe.

O mandamento bíblico de não cometer adultério é parte do Decálogo, os Dez Mandamentos. E o casamento é uma metáfora para Cristo e a igreja. Você pensa sobre essa profunda união metafísica entre Cristo e a igreja, e o apóstolo Paulo usa o casamento como metáfora para isso.

Isso apenas reforça a importância da união conjugal e da monogamia. A importância bíblica, a importância da pureza sexual de um ponto de vista bíblico, é um tema recorrente nas escrituras. Somos informados de que os crentes são, somos membros de Cristo e um com ele, e então isso coloca um prêmio real na pureza sexual.

Como Paulo diz, por que eu iria querer me unir a uma prostituta quando eu sou parte de Cristo, e eu sou um templo, meu corpo é um templo do Espírito Santo? Veja as notas em 1 Coríntios 6. Aqui está outro ponto que eu acho que deveria ser mais enfatizado em relação à sexualidade humana e à procriação e como isso reflete a Trindade. Então, é um ensinamento em um credo cristão clássico que o Espírito Santo procede da união do Pai e do Filho, e os três compartilham a mesma natureza.

De fato, o Filho procede eternamente do Pai, e então o Filho, ou da união do Pai e do Filho, o Espírito Santo procede eternamente. Essas três pessoas da Trindade e o Espírito Santo não são menos divinos por isso, mas compartilham a mesma natureza do Pai e do Filho. Bem, observe o paralelo aqui, pois com a união de um Pai e uma Mãe humanos, procede uma criança, que não é menos humana, compartilha a natureza humana e tem a mesma essência humana.

Há um paralelo aqui entre a procissão divina, o Espírito Santo procedendo da união do Pai e do Filho, e a procriação humana como uma criança procede da união do Pai e da Mãe. Isso é apenas uma coincidência? Ou é um fato metafísico profundamente importante sobre a natureza humana e como a família humana espelha a Santíssima Trindade? Acho que isso realmente ressalta a sacralidade da sexualidade humana e da procriação.

Então, vamos passar para o tópico da homossexualidade. Scott Ray observa que o termo homossexual, que está saindo de moda ou do uso popular, acho que a terminologia preferida agora é atração pelo mesmo sexo ou atividade pelo mesmo sexo, mas a palavra homossexual em si é ambígua. Poderíamos querer dizer com isso alguém que é sexualmente invertido, esse é o termo de Scott Ray, referindo-se àqueles que são exclusivamente atraídos por seu próprio gênero, em oposição a alguém que é homossexual situacionalmente, alguém que teve experiências homossexuais, experiências sexuais com o mesmo sexo, mas eles não são orientados dessa forma no sentido de uma atração predominante. Então, o termo homossexual em si é um pouco ambíguo, mas uma distinção fundamental que precisamos ter em mente aqui é aquela entre atração homossexual e prática homossexual.

Então, alguém pode estar envolvido em atividade ou conduta homossexual e não ser realmente atraído dessa forma, ou alguém pode ser atraído de uma forma homossexual e nunca se envolver em prática homossexual. Quanto às causas da homossexualidade, esta pergunta é frequentemente feita: essa predisposição homossexual é genética ou adquirida? Há muito debate sobre isso, e as evidências parecem ser inconclusivas neste ponto. Houve muitos estudos neuroanatômicos feitos sobre o cérebro, mas os estudos mais interessantes e, eu acho, relevantes são os genéticos, particularmente estudos com gêmeos, que investigam as taxas de concordância entre gêmeos idênticos.

Concordância tem a ver com similaridade ou concordância em termos de orientações de gêmeos idênticos. Se a homossexualidade tem uma causa completamente genética, então deveria haver uma taxa de concordância de 100%, seja heterossexual ou homossexual, entre gêmeos idênticos. E isso deveria ser verdade tanto para gêmeos que são criados juntos quanto para adotados.

Alguns dos primeiros estudos foram conduzidos por um pesquisador chamado Franz Kalman, que encontrou uma taxa de concordância de 100%, mas seus estudos foram duramente criticados. Um, porque os sujeitos eram todos institucionalizados ou doentes mentais e, mais importante, não havia gêmeos adotados envolvidos no estudo. Ainda assim, apesar desses problemas, infelizmente, este estudo é frequentemente citado como definitivo, apesar de uma série de estudos subsequentes que encontraram apenas taxas de concordância de 10 a 50%.

Aqui estão alguns desses estudos. Os estudos de Bailey e Pillard encontraram uma taxa de concordância de 50% para idênticos criados juntos. Isso é notável por si só, mas então apenas uma taxa de concordância de 22% para não idênticos.

Eles concluem que a genética é uma causa contribuinte. No entanto, problemas potenciais com seus estudos incluem o fato de que gêmeos concordantes tendem a responder com mais frequência a anúncios de pesquisa, e as orientações sexuais de

ambos os gêmeos não foram relatadas diretamente, mas por terceiros. Estudos mais recentes conduzidos por King e McDonald encontraram uma taxa de concordância menor do que Bailey e Pillard encontraram, e eles inadvertidamente encontraram o que eles dizem ser uma probabilidade relativamente alta de relações sexuais ocorrendo entre gêmeos idênticos.

Esse comportamento pode ser responsável por uma porcentagem significativa das taxas de concordância entre idênticos, confirmando o que alguns pesquisadores anteriores teorizaram sobre o papel do incesto. Então, aqui estão conclusões muito provisórias. Este é, você sabe, um debate em andamento, mas a genética não pode ser o único fator quando se trata de uma disposição homossexual porque a taxa de concordância é menor que 100%.

De qualquer forma, dadas as pressões seletivas contra essa característica, pense nisso apenas de um ponto de vista microevolucionário: há pressões seletivas contra isso. Alguns fatores não hereditários precisam estar lá para renovar isso geração após geração. É aí que os fatores ambientais entram.

Fatores genéticos, podemos concluir provisoriamente, provavelmente desempenham algum papel, talvez 30 a 50%, junto com fatores ambientais e comportamentais, como desafios de desenvolvimento para identidade de gênero com o pai do mesmo sexo, que é frequentemente citado como significativo. Certo, então quais são as implicações éticas das causas da homossexualidade? Aqui está como eu responderia a isso. Mesmo que haja alguma base biológica para uma orientação homossexual, não há implicações éticas, a menos que se seja um determinista rígido.

E por determinista rígido, quero dizer que esta é a visão de que todas as escolhas humanas são causadas e, portanto, não somos livres. Se acreditamos que os seres humanos têm livre-arbítrio, então mesmo que haja algum tipo de, você sabe, determinante biológico ou mesmo biológico e ambiental para uma disposição particular, se temos livre-arbítrio em qualquer sentido significativo, então ainda temos a liberdade de escolher como agiremos. Assim como alguém que tem, digamos, uma disposição alcoólica, geneticamente, ainda é livre para escolher.

Eu tenho um irmão que é alcoólatra. Ele está sóbrio há cerca de oito anos e ele escolhe livremente se abster. Ele tem feito isso consistentemente todos esses anos, mesmo tendo essa predisposição.

Há influências causais em todos os aspectos do nosso ser, mas nossas escolhas ainda são livres. E então, se uma pessoa tem uma certa atração ou disposição pelo mesmo sexo, ela ainda é livre para escolher se quer ou não agir de acordo com essa disposição. Ainda assim, precisamos exercer compaixão e sensibilidade para com

aqueles que lutam nessa área porque isso ainda é algo muito significativo, uma atração ou disposição para ser atraído dessa forma.

Finalmente, vamos considerar alguns textos bíblicos sobre homossexualidade. Onde a Bíblia fala sobre homossexualidade ou atividade entre pessoas do mesmo sexo, e exatamente como? Em Gênesis 19, há uma passagem famosa em que Deus destrói Sodoma, aparentemente principalmente por causa da imoralidade sexual, incluindo a prática homossexual, que o escritor de Judas deixa claro, mesmo que esteja apenas implícito naquela narrativa de Gênesis 19. O escritor de Judas deixa claro que é por isso que Deus destruiu aquela cidade.

Em Levítico 18 e 20, ambas as passagens se referem às relações sexuais entre homens como detestáveis e, no último caso, puníveis com a morte. Em 1 Timóteo 1:8-10 e 1 Coríntios 6:9-11, essas passagens se referem aos infratores homossexuais como infratores da lei e não herdeiros do reino de Deus, respectivamente. Em Romanos 1, encontramos a discussão mais extensa sobre homossexualidade na Bíblia.

Ali, Paulo condena relações não naturais e atos sexuais indecentes tanto por homens quanto por mulheres nos versículos 24-27. Agora, aqueles que adotam uma abordagem mais liberal a essas passagens têm oferecido uma série de interpretações alternativas dessa passagem, e aqui estão algumas dessas interpretações alternativas. Alguns argumentaram que essa passagem apenas proíbe a prostituição masculina homossexual.

Paulo não quer condenar toda atividade homossexual. Outra interpretação insiste que Paulo está condenando verdadeiros heterossexuais que se envolvem em atos homossexuais. Então, se alguém é naturalmente orientado de forma heterossexual, mas tem experiências homossexuais apesar disso, então isso seria antinatural para ele, enquanto não seria antinatural para alguém que é orientado de forma homossexual.

Então, Paulo não está condenando toda atividade homossexual, de acordo com essa interpretação. Terceiro, alguns argumentam que Paulo está condenando expressões perversas de homossexualidade em oposição a relacionamentos homossexuais comprometidos. Então, o que ele está condenando ali é a promiscuidade homossexual, que não é natural, e o que ele toleraria ou aprovaria, de acordo com essa interpretação, é um relacionamento homossexual monogâmico.

A interpretação histórica tradicional padrão desta passagem, no entanto, é que Paulo pretende condenar todo comportamento homossexual, quer envolva ou não prostituição masculina, quer esteja ou não de acordo com a disposição ou desejos naturais de alguém, e quer esteja ou não em um contexto de um relacionamento monogâmico comprometido. Acho que Scott Ray está certo sobre isso. Esta é a única

interpretação que não lê na passagem coisas que não estão lá. E quando você olha para a bolsa de estudos sobre esta questão, e vê como alguns estudiosos defenderam essas interpretações alternativas, é sempre muito forçado na melhor das hipóteses, e há leituras nesta passagem de coisas que simplesmente não estão lá.

Aqui, finalmente, estão algumas leituras recomendadas. Estes são cinco dos melhores recursos sobre esta questão que já vi, especificamente homossexualidade e casamento, e apenas ética sexual, em geral. Mas Anderson, George e Gerges escreveram um livro chamado *What is Marriage? Man and Woman*, uma defesa, é um excelente tratamento da questão.

Kevin de Young, *What Does the Bible Really Teach About Homosexuality?* Robert Gagnon, este é provavelmente o melhor tratamento do assunto na língua inglesa, *The Bible and Homosexual Practice, Texts and Hermeneutics*. Robert Reilly, chamado *Making Gay Okay. How Rationalizing Homosexual Behavior is Changing Everything* é um estudo cultural fascinante sobre o assunto.

A melhor coisa que já li sobre sexualidade humana, ponto final, é *Theology of the Body do Papa João Paulo II*. Tem cerca de 700 páginas. Na verdade, só li partes, mas li o livro de Christopher West, *Theology of the Body for Beginners*.

É uma boa introdução a esta enorme obra-prima sobre o tópico. É simplesmente tremenda. Acho que posso dizer com segurança que é a melhor coisa já escrita sobre sexualidade humana em toda a história da humanidade.

Essa é uma afirmação ousada, mas há muitas pessoas que concordam comigo nisso, e há muito que foi escrito sobre esse volume em particular. Se você for online, poderá encontrar algumas notas muito úteis sobre a Teologia do Corpo do Papa João Paulo II que condensam seus pontos em apenas 20 ou 30 páginas, mas é algo profundo. Ele realmente enfatiza como o ser humano, não apenas a natureza humana, mas a sexualidade humana realmente é, em última análise, fundamentada na Trindade, ou pelo menos a Trindade é onde precisamos olhar em termos de orientar nosso pensamento sobre conduta sexual.

Então, eu recomendo fortemente isso, assim como esses outros recursos.

Este é o Dr. James S. Spiegel em seu ensinamento sobre ética cristã. Esta é a sessão 13, Ética Sexual.